

Intervenção de
Maria das Dores Gomes



A intervenção Sindical para a Igualdade

Em primeiro lugar quero saudar todos (as) os camaradas neste 11º congresso da USL.

Camaradas, passados mais de 40 anos de liberdade em Portugal, muitos avanços se deram nos direitos sociais e laborais, no desenvolvimento económico e na justiça social; Direitos esses consagrados na Constituição da República Portuguesa, na contratação coletiva e na legislação, em particular no que diz respeito à igualdade de oportunidades e de tratamento entre mulheres e homens, em todas as vertentes da vida em sociedade, ou seja no trabalho e no emprego.

Mas hoje vivemos tempos de retrocesso histórico e civilizacional. Os trabalhadores e trabalhadoras portugueses enfrentam a situação mais grave da história recente, fruto da política de direita, que investiu contra os direitos conquistados nestes anos de liberdade e progresso.

Desde 2008, o país perdeu um em cada sete postos de trabalho, em especial a partir de 2014, com o chamado memorando da TROICA, atingindo principalmente a camada jovem, cuja taxa de desemprego é de 37% e destes 40% atinge jovens mulheres.

O risco de pobreza agravou-se, particularmente para as famílias agravou-se, particularmente para as famílias com crianças.

Portugal, antes considerado com baixo nível de desemprego, em comparação com outros países da União Europeia, tem hoje a taxa de desemprego mais alta a seguir à Grécia e à Espanha. Muitos trabalhadores incluindo jovens talentosos e qualificados têm vindo a ser empurrados para a emigração, hipotecando o futuro desenvolvimento e económico e social do país.

Pelos dados divulgados recentemente pelo Fórum Mundial, Portugal ocupa o 32º lugar no índice de igualdade de género. Em três anos desceu 19 lugares entre os 36 países avaliados.

Este recuo é atribuído principalmente à redução dos rendimentos do trabalho num país que possui o 3º maior nível de desigualdade de rendimentos entre géneros da União Europeia

O relatório da U.E. publicado em 2012, mostra que na Europa as mulheres têm de trabalhar em média mais 59 dias sendo agravado em Portugal para mais 65 dias, para atingirem o mesmo rendimento que os homens auferem.

As mulheres no distrito de Lisboa continuam com salários inferiores aos dos homens sendo a diferença registada em mais de 18%. Esta diferença é maior na medida em que aumenta o nível de qualificação. O bloqueio à contratação coletiva tem um impacto gravíssimo na redução dos salários, principalmente nas mulheres trabalhadoras, onde um conjunto significativo de categorias profissionais está ao nível do salário mínimo nacional.

A desregulamentação dos horários de trabalho e a imposição do banco de horas, dificultam e impedem as possibilidades de conciliação da vida pessoal e familiar com a vida profissional das mulheres, desestruturando a relação social.

A função social da maternidade e paternidade continua a ser desrespeitada em muitos locais de trabalho. Persiste a tentativa de despedimento e a não renovação dos contratos a termo por motivos de gravidez, na violação do direito à amamentação e aleitação e na discriminação da atribuição de prémios e na evolução de carreiras.

Camaradas

Através desta actual vida das Mulheres no trabalho é possível antever a imensa tarefa que está colocada aos sindicatos.

Ano após ano, ao longo dos tempos deram-se profundas transformações sociais de progresso, alteraram-se as condições de vida, sugeriram novas ideias, abriram-se novas possibilidades de desenvolvimento humano e, no entanto, as discriminações a que estão sujeitas as mulheres permanecem como um dos problemas sociais mais graves da atualidade. As mulheres são a classe mais explorada da classe trabalhadora.

A sua participação e intervenção nas diferentes esferas da vida económica, política, e social, cultural e desportiva a sua afirmação como força social ativa, fazem das mulheres trabalhadoras uma força poderosa e imprescindível na luta contra a exploração, as desigualdades, no desemprego e empobrecimento.

Rumo a um tempo novo no qual o trabalho com qualidade, direitos e igualdade seja respeitado.

Viva ao 11 congresso

Viva a CGTP

Maria das Dores Gomes- Sindicato Hotelaria do Sul